

Anónimo Perusino

(AP)

ANÓNIMO PERUSINO (AP)

INTRODUÇÃO

O título original deste opúsculo seria: Do Começo ou Fundação da Ordem; e dos Actos daqueles que Foram os Primeiros na Ordem e Companheiros do Bem-aventurado Francisco (De inceptione vel fundamento Ordinis et actibus illorum qui fuerunt primi in religione et socii beati Francisci). Por não ser expressamente designado o seu autor e por ter sido encontrado pela primeira vez este livrinho num manuscrito do Convento de S. Francisco do Prado em Perúcia, daí o nome com que é mais geralmente conhecido: Anónimo Perusino.

Consta de 12 capítulos e é uma pequena história da Ordem, até à morte e canonização de S. Francisco. Enquanto nas demais legendas a figura central é o Poverello, neste livrinho, como o título original indica, a atenção centra-se mais sobre a instituição franciscana como tal: sua fundação, seu teor de vida, seu crescimento e sua aceitação por parte da Igreja. Posto que, sob o ponto de vista informativo, pouco traga que não encontre paralelo noutros escritos anteriormente conhecidos, esta perspectiva comunitária é original e significativa.

O interesse do opúsculo está também ligado à personalidade do autor e à qualidade dos recursos de que se serviu para compor a obra. Ele mesmo se apresenta como discípulo dos primeiros companheiros de S. Francisco: «Não devem os servos de Deus ignorar os ensinamentos e o caminho seguidos pelos santos, já que também a eles podem tais ensinamentos encaminhá-los para Deus. Por isso, para glória de Deus e edificação dos leitores e ouvintes, eu que os vi actuar, que os ouvi falar e fui mesmo seu discípulo, com as luzes que a graça divina me concedeu, relatei e compilei uns tantos feitos do nosso beatíssimo Pai S. Francisco e de alguns irmãos que a ele se juntaram logo nos começos desta religião»¹.

¹ AP 2.

Os actuais investigadores tendem a identificar este discípulo com Fr. João de Perúsia, discípulo e confessor do Beato Fr. Gil – aquele Fr. João a que se refere a Carta de Gréccio quando seus autores, ao garantir que procuraram informações junto doutros irmãos dignos de todo o crédito, nomeiam expressamente: «Fr. Filipe, visitador das Senhoras Pobres, Fr. Iluminado de Arce, Fr. Masseu de Marignano e Fr. João, companheiro do venerável Fr. Gil, o qual, mediante o mesmo Fr. Gil e Fr. Bernardo de santa memória, conseguiu saber muitas coisas de S. Francisco»². Esta informação é até certo ponto confirmada pelo conteúdo da obra, onde Fr. Gil e Fr. Bernardo gozam dum tratamento singular. Fr. Bernardo é nomeado seis vezes e Fr. Gil cinco, enquanto outros irmãos não são mencionados nominalmente mais que uma vez, à excepção de Fr. Pedro, que o é duas. Além disso, os episódios ou diálogos em que entra algum daqueles dois irmãos manifestam um realismo que faz pensar em testemunhas oculares³.

Quanto à data da composição, existem duas tendências: uma, talvez excessivamente optimista, coloca-a antes de 1246. Béguin ousa mesmo fixá-la entre 4 de Março de 1240, data da morte de Fr. Silvestre, que o Anónimo refere, e 22 de Agosto de 1241, data da morte de Gregório IX, que o Anónimo não menciona⁴. A outra tendência atrasa a composição para o quarto período da produção literária que distinguimos na introdução geral, ou seja, para depois do decreto de 1266. O Anónimo teria sido composto por volta de 1270 depois da Legenda Maior e antes do Liber de laudibus Beati Francisci de Bernardo de Bessa⁵. Em geral os críticos são de parecer que ele é anterior à Legenda dos Três Companheiros. Se esta devesse datar de 1246, o Anónimo seria anterior. Quando os três companheiros na Carta se alongam a explicar as

² TC 1.

³ Cf. BEGUIN, P., *L'Anonyme de Pérouse, Un Témoin de la Fraternité Franciscaine Primitive, confrontés aux autres sources contemporaines*, trad. introd. notes et étude comparative des textes, Paris, 1975, p. 17.

⁴ Cf. P. BEGUIN, P., o.c., p. 19; DESBONNETS situa-o também antes de 1246. Cf. *La «Legenda Trium Sociorum»* in AFH 67 (1974) p. 87; *Fontes*, o.c., p. 1306.

⁵ Editado em AF III p. 666-692. Cf. DI FONZO, *L'Anonimo Perugino tra le Fonti Francescane del séc. XIII*, em MF 72 (1972) p. 117-483. Sobre a data, p. 469. Cf. *Escritos y Biografías*, o.c., p. 579.

informações de Fr. João, não será que tinham entre mãos precisamente o opúsculo dele⁶? Por outro lado, uma leitura superficial do prólogo e do epílogo dá a impressão de que o autor fala dos seus heróis como de figuras já dum passado um tanto remoto. Se o Anónimo fosse escrito em 1241, muitos deles ainda estavam vivos. Quanto à Legenda dos Três Companheiros, a sua data de composição não é um ponto de referência fixo, como vimos⁷.

No que se refere à composição literária, DI FONZO descreve-a assim: «revela poucas fontes literárias «escritas», directas ou indirectas: dir-se-ia melhor que tem reminiscências da Primeira de Celano, bem como uma ou outra de Espira e da Legenda Maior. Influxo maior se nota, quanto à «moldura literária», conteúdo e ordem da narração, da Primeira de Celano e do Florilégio – Primeira Parte. (Cerca de 30 trechos, em 60, têm paralelo na Segunda de Celano). Mas, ao longo de toda a obra, o Anónimo de Perúsia procede com uma narrativa pessoal, homogénea, independente, com particulares seus, alguns omitidos e outros contrastantes com o Florilégio e outras fontes. As narrativas são sobretudo fruto de informações próprias ou de conhecimento directo»⁸.

Vê-se, pois, que o Anónimo é bastante independente em relação às fontes por nós conhecidas. Seria caso para pensar mais num relato paralelo de factos idênticos. Esta independência, combinada com a alta qualidade dos informadores que teve, aumenta o seu valor, impõe que se apanhe o fio intencional da obra e que o leitor das demais legendas tenha em conta a maneira de ver deste autor, sobretudo quando for divergente. O estilo arcaico, a ausência de alusões polémicas, junto com a narrativa singela e lhana dão ao opúsculo um tom de objectividade e imparcialidade⁹, que recomenda a sua presença no conjunto das fontes históricas sobre os primórdios da Ordem.

Só se conhecem, ao todo, quatro manuscritos do Anónimo e todos do séc. XV. A primeira edição foi feita por Van Ortroty em

⁶ Cf. BEGUIN, P., o.c., p. 19.

⁷ Ver supra, p.781

⁸ DI FONZO, o.c., p. 467.

⁹ Cf. Iriarte, o.c., p. 571.

1902¹⁰ e a segunda, com foros de edição crítica, por DI FONZO em 1972¹¹. Recentemente, P. BÉGUIN fez a tradução francesa, que publicou em edição bilingue, com o texto latino de DI FONZO, juntando-lhe um estudo comparativo das fontes¹². A presente tradução portuguesa é feita sobre esta edição de BÉGUIN. A edição da BAC, de 2003 dá-nos conta de um manuscrito em castelhano, do século XV, até há pouco desconhecido, intitulado *El Floreto de Sant Francisco* que teve duas publicações: uma em 1997 e outra em 1998¹³.

¹⁰ *La legende Latine di S. Francesco secondo l'Anonimo Perugino*, in MF 9 (1902) 33-52.

¹¹ Cf. supra, nota 5

¹² Cf. supra, nota 3

¹³ *Floreto de sant Francisco*, Madrid (Ed. Cisneros), 1997, J. M. ARCELUS, *Floreto de sant Francisco*, Madrid, 1998. Cf. *Escrito y Biografías*, BAC, 2003, p. 580.

ANÓNIMO PERUSINO (AP)

Começo e fundação da Ordem, e actos daqueles irmãos menores que foram os primeiros na Religião e companheiros do bem-aventurado Francisco.

PRÓLOGO¹

2. ¹ Não devem os servos de Deus desconhecer os ensinamentos e o caminho seguido pelos varões santos, pois podem ser-lhes de muito proveito para chegarem a Deus. ² Por isso, para honra de Deus e edificação dos leitores e ouvintes, eu, que os vi actuar, que os ouvi falar e fui até seu discípulo, escrevi e compilei, segundo as luzes que recebi do Alto, uns tantos feitos do nosso bem-aventurado Pai S. Francisco e de alguns irmãos que se juntaram a ele no começo da Ordem.

CAPÍTULO I

De que maneira o bem-aventurado Francisco começou a servir a Deus

3. ¹ Cumpridos 1207 anos desde a Incarnação do Senhor, no dia 16 de Abril, vendo Deus que o seu povo, redimido pelo sangue precioso de seu Filho único, esquecera os seus preceitos e correspondia aos benefícios com a ingratidão; tendo compaixão dele por largo tempo, ainda que fosse digno de morte; não querendo também a morte do pecador mas a sua conversão e vida; movido pela sua clementíssima misericórdia, resolveu mandar obreiros para a sua messe².

¹ Em conformidade com a edição crítica de Lorenzo di Fonzo a numeração dos parágrafos começa com o n. 2.

² Ez 33, 11; Mt 9, 38.

² Iluminou um homem, que vivia na cidade de Assis, de nome Francisco e mercador de profissão, dissipador fútil das riquezas deste mundo.

4. ¹ Certo dia, encontrando-se na tenda em que costumava vender panos, entretido com reflexões atinentes ao seu negócio, apresentou-se-lhe um pobre, pedindo lhe desse esmola em nome do Senhor. ² Absorto no pensamento das riquezas e nas preocupações do seu negócio, Francisco mandou-o embora sem lhe dar esmola. ³ Mas, depois da saída do pobre, tocado da divina graça, começou a repreender-se pela sua mesquinhez, dizendo: ⁴ «Se este pobre te tivesse pedido em nome de algum grande conde ou barão, certamente lhe terias dado tudo quanto te pedisse. ⁵ Com maior razão, deverias tê-lo feito quando te pedia em nome do Rei dos reis e Senhor de todos!»

⁶ Pelo que, desde aquele momento comprometeu-se a não negar a ninguém o que lhe fosse pedido em nome de tão nobre Senhor. ⁷ E, chamando o pobre, deu-lhe avultada esmola.

⁸ Oh coração tão cheio de graça, enriquecido e fecundo em frutos! ⁹ Que propósito tão firme e santo o daquele que recebeu uma admirável, inesperada e singular iluminação dos acontecimentos futuros! ¹⁰ Nem há motivo de admiração, quando já Isaías proclamava com voz inspirada pelo Espírito Santo: «Se deres pão ao faminto e saciares a alma desconsolada, uma luz brilhará para ti na escuridão e as tuas trevas serão como o meio dia»³. E ainda: ¹¹ «Se repartires o teu pão com o esfomeado, então uma luz surgirá para ti como a aurora, e a tua justiça irá adiante de ti»⁴.

5. ¹ Com o decorrer do tempo, a este bem-aventurado varão sucedeu-lhe algo de extraordinário que reputo digno de menção.

² Uma noite, estando a dormir em sua cama, apareceu-lhe um desconhecido que, chamando-o pelo nome, o levou a um palácio de indizível e esplêndida beleza, repleto de armas militares e tam-

³ Is, 58, 10.

⁴ Is 58, 7-8.

bém de escudos resplandecentes, marcados com a cruz, que pendiam das paredes.

³Perguntando Francisco de quem eram aquelas armas tão refulgentes e aquele esplêndido palácio, o seu guia respondeu-lhe: «Todas elas e o palácio são teus e dos teus soldados».

⁴Ao acordar, como homem mundano que ainda não tinha gostado plenamente o espírito de Deus, começou a pensar que chegaria um dia a ser um grande príncipe. ⁵Pelo que, volvendo e revolvendo o assunto em sua mente, resolveu fazer-se cavaleiro, para ter assim a oportunidade de alcançar aquela dignidade de príncipe. ⁶Mandou confeccionar a indumentária mais preciosa que pôde e dispôs-se a partir para a Apúlia ao encontro do conde Gentil, com a finalidade de este o armar cavaleiro.

⁷Por este motivo, andava mais alegre do que o costume e chamava a atenção de todos. A quem lhe perguntava o motivo de tão estranha alegria, respondia: «Sei que vou ser um grande príncipe».

6. ¹Depois de contratar um escudeiro, montou a cavalo e dirigiu-se para a Apúlia.

²Chegando a Espoleto, arroubado em sua empresa, ao cair da noite procurou descanso. Entre sonhos, ouviu uma voz que lhe perguntava aonde pretendia chegar. ³Ele expôs minuciosamente o seu projecto. Outra vez a voz lhe perguntou: «Quem te pode valer mais, o Senhor ou o criado?» ⁴Francisco respondeu: «O Senhor». «Porque deixas, pois, o Senhor para seguir o criado, e ao príncipe para seguir o vassalo?» ⁵Então Francisco perguntou-lhe: «Senhor, que queres que eu faça?» «Volta à tua terra, retorquiu-lhe a voz, para cumprires o que o Senhor te revelar».

⁶E repentinamente sentiu-se transformado em outro homem.

7. ¹Ao amanhecer, como lhe tinha sido ordenado, volta para casa. ²De caminho, ao passar por Folinho, vende o cavalo que montava e a vestimenta com que se tinha engalanado para ir à Apúlia, e veste roupas mais modestas.

³Feito isto, ao caminhar de Folinho para Assis com o produto da venda, passou junto duma igreja construída em honra de S. Damião. Encontrando aí um sacerdote pobre, de nome Pedro,

entregou-lhe o dinheiro para o guardar. ⁴Mas o sacerdote, que não tinha um lugar apropriado onde pudesse colocá-lo a seu bel-prazer, recusou recebê-lo. ⁵Então, Francisco, num gesto de despreendimento, atirou o dinheiro por uma janela da dita igreja.

⁶Verificando que a igreja era muito pobre e ameaçava desmoronar-se, movido por inspiração divina, resolveu destinar aquele dinheiro à restauração da mesma, tencionando até instalar-se ali, a fim de proceder à sua reparação e salvá-la da ruína. ⁷De facto, com o decorrer do tempo e com a graça de Deus, levou a cabo esta empresa.

8. ¹Quando o pai tomou conhecimento deste projecto, levado pelo amor carnal que lhe tinha e pela cobiça de reaver o dinheiro, começou a maltratá-lo e, cobrindo-o de vitupérios, exigiu-lhe a devolução do mesmo.

²Na presença do Bispo de Assis, Francisco alegremente entregou a seu pai não só o dinheiro como também a roupa que trazia, ficando nu debaixo da capa do Bispo, que o abraçou para cobrir a sua nudez. ³Desprovido já das coisas temporais e coberto de roupas vis e desprezíveis, voltou à referida igreja para aí habitar.

⁴Então o Senhor cumulou de riquezas aquele que era pobre e fora ultrajado; enchendo-o do seu Espírito Santo, pôs em seus lábios palavras de vida para proclamar e anunciar aos homens o juízo e a misericórdia, o castigo e a glória, e para relembrar os mandamentos de Deus, que tinham caído no esquecimento. ⁵O Senhor constituiu-o pai de uma infinidade de povos que, provindo de todas as partes do mundo, foram congregados num só, por meio dele.

⁶O Senhor conduziu Francisco por um caminho recto e estreito, já que ele não quis possuir nem ouro nem prata nem dinheiro nem coisa alguma, antes seguir o Senhor em humildade, pobreza e simplicidade de coração.

9. ¹Caminhava descalço, vestia um hábito desprezível e cingia-se com um cinto também vulgar.

²Repassado de acerbo rancor, seu pai lançava-lhe maldições sempre que o encontrava. ³Mas o bem-aventurado homem fazia-se

acompanhar dum velho pobre, chamado Alberto, a quem pedia então o abençoasse.

⁴Muitos outros também escarneciam dele e diziam-lhe palavras injuriosas, e quase todos o tinham na conta de louco. ⁵Mas ele nada se importava e nem sequer lhes respondia; antes com toda a solicitude, procurava pôr em prática quanto Deus lhe revelava. ⁶Apoiava-se não «nos discursos persuasivos da sabedoria humana, mas na manifestação e na força do Espírito»⁵.

CAPÍTULO II

Os dois primeiros irmãos que seguiram o bem-aventurado Francisco

10. ¹Dois homens daquela cidade, testemunhas oculares destes acontecimentos, por inspiração da graça divina, apresentaram-se humildemente ao bem-aventurado Francisco. ²Um deles foi o irmão Bernardo e o outro, o irmão Pedro. ³Ambos singelamente lhe declararam: «Doravante queremos viver contigo e proceder como tu. Dize-nos, pois, o que vamos fazer dos nossos bens». ⁴Francisco muito se alegrou com a sua vinda e propósito, e respondeu-lhes com bondade: «Vamos pedir conselho ao Senhor».

⁵Dirigiram-se, pois, a certa igreja da cidade de Assis. E, entrando nela, ajoelharam-se e rezaram assim humildemente: ⁶«Senhor Deus, Pai glorioso, pedimos-Te que por Tua clemência nos mostres o que devemos fazer». ⁷Terminada a oração, pediram ao sacerdote da mesma igreja, ali presente: ⁸«Senhor, deixa-nos ver o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo».

11. ¹O sacerdote abriu o livro, pois eles ainda não sabiam manuseá-lo bem, e toparam o texto em que estava escrito: «Se queres ser perfeito, vai e vende tudo quanto tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu»⁶. ²Consultando outra vez o livro, deparou-se

⁵ Cf. 1Cor 2, 4.

⁶ Mt 19, 21.

-lhes o texto seguinte: «Quem quer vir após Mim...» etc⁷. ³Pela terceira vez, puderam ler: «Não leveis nada para o caminho...» etc⁸.

⁴Ao ouvirem estes textos, experimentaram imensa alegria e exclamaram: «Aqui está o que desejávamos, aqui está o que procurávamos!» ⁵E o bem-aventurado Francisco acrescentou: «Esta será a nossa regra». ⁶Logo disse aos dois companheiros: «Ide e segui o conselho do Senhor, tal como ouvistes».

⁷Foi-se, pois, o irmão Bernardo e, como era rico, conseguiu uma grande soma de dinheiro com a venda das suas propriedades.

⁸Ao contrário, o irmão Pedro era pobre de bens materiais, mas havia enriquecido com os espirituais; cumpre também o conselho do Senhor. ⁹Reunindo os pobres da cidade, ambos se puseram a distribuir o dinheiro que tinham ajuntado com a venda dos seus bens.

12. ¹Enquanto assim procediam na presença do bem-aventurado Francisco, calhou de passar por ali um sacerdote de nome Silvestre, a quem Francisco comprara pedras para a restauração da igreja de S. Damião, junto da qual vivia antes de ter irmãos como companheiros. ²O sacerdote, vendo-os a desbaratar assim o dinheiro e ardendo no fogo da cobiça, desejou que lhe fosse dada parte do mesmo. Em tom de queixa, disse: «Francisco, não me pagaste devidamente as pedras que me compraste». ³Ao ouvi-lo murmurar duma maneira tão injusta, Francisco, que se havia libertado de toda a avareza, aproximou-se do irmão Bernardo e, metendo a mão no manto onde este tinha o produto da venda, tirou uma manada de dinheiro e deu-a ao sacerdote. ⁴Metendo novamente a mão, tirou moedas como da primeira vez e deu-as ao sacerdote, perguntando-lhe: «Estamos agora plenamente quites?» ⁵«Plenamente», respondeu o sacerdote, que logo voltou muito satisfeito para casa.

⁷ Mt 16, 24.

⁸ Lc 9, 3.

13. ¹Poucos dias depois, o mesmo sacerdote, por inspiração divina, pôs-se a cogitar no que tinha feito o bem-aventurado Francisco e perguntava a si mesmo: «Não serei eu um miserável, porquanto, apesar de velho, desejo e procuro bens materiais, enquanto aquele jovem os despreza a abomina por amor de Deus?

²Na noite seguinte, viu em sonhos uma cruz imensa, cujo cimo alcançava o céu, o pé assentava na boca do bem-aventurado Francisco e os braços se estendiam duma parte à outra do mundo.

³Ao despertar, aquele sacerdote convenceu-se de que o bem-aventurado Francisco era um verdadeiro amigo de Deus e de que a Religião por ele iniciada devia difundir-se por todo o mundo.

⁴Desde então, começou a temer a Deus e a fazer penitência em sua casa. ⁵Pouco tempo depois, entrou na Ordem dos irmãos, na qual viveu santamente e nela perseverou gloriosamente até à morte⁹.

CAPÍTULO III

A primeira residência dos irmãos e a perseguição de seus parentes

14. ¹Depois de venderem os bens e distribuírem o produto pelos pobres, como fica dito, os irmãos Bernardo e Pedro vestiram-se da mesma maneira que o bem-aventurado Francisco e compartilharam a sua forma de vida.

²Não tendo morada onde se acoitar, foram à procura e encontraram uma igreja muito pobrezinha e quase abandonada, chamada Santa Maria da Porciúncula. ³Levantaram ali uma choupana e nela viviam juntos.

⁴Passados oito dias, foi ter com eles outro cidadão de Assis, de nome Gil, homem piedoso e recto, a quem o Senhor concedeu muitos favores. ⁵Com grande fervor e reverência, ajoelhou-se diante do bem-aventurado Francisco e pediu-lhe se dignasse recebê-lo na sua companhia.

⁹ Morreu em Assis a 4 de Março de 1240.

⁶ Vendo e ouvindo isto, Francisco alegrou-se sumamente e recebeu-o com muito prazer. Os quatro sentiram uma imensa satisfação e um profundo gozo espiritual.

15. ¹ Logo o bem-aventurado Francisco tomou o irmão Gil e levou-o consigo a Marca de Ancona, ficando ali os outros dois. Durante a viagem, não pouco se alvoroçaram no Senhor. ² Aquele homem de Deus exprimia o seu júbilo com voz brilhante e em francês, louvando e bendizendo o Senhor.

³ Ambos superabundavam de gozo como se tivessem encontrado o maior dos tesouros. ⁴ Efectivamente, sobeja razão tinham para se alegrar, pois, tendo-as na conta do esterco, haviam deixado muitas coisas, cuja perda costuma entristecer os homens. ⁵ Tinham consciência das penas e amarguras que experimentam aqueles que apeteçam deleites mundanos, como também dos desencantos e tristezas que os acompanham.

⁶ A dada altura, disse o bem-aventurado Francisco ao irmão Gil, seu companheiro: «*A nossa Religião será semelhante a um pescador, que lança as redes à água e recolhe grande quantidade de peixes. Ao ver tão grande quantidade, selecciona os de maior tamanho e põe-nos nos cestos, deitando os mais pequenos na água*»¹⁰.

⁷ O referido Gil maravilhou-se sumamente com aquela profecia saída dos lábios do santo, pois sabia quão poucos eram os irmãos.

⁸ Ao tempo, o homem de Deus ainda não pregava ao povo. No entanto, quando passava pelas cidades e castelos, exortava os homens e as mulheres a temer e amar o Criador do céu e da terra e a fazer penitência. Quanto ao irmão Gil, comentava a prática desta maneira: «Falou muito bem; crede nele».

16. ¹ Os ouvintes perguntavam-se uns aos outros: «Quem são estes e que palavras estão dizendo?»

² Alguns comentavam que pareciam loucos ou bêbedos. Mas outros retorquiam: «Não são de loucos as palavras que brotam da

¹⁰ Cf. Mt 13, 47-49.

sua boca». ³Um deles sentenciou: «Ou é gente que aderiu ao Senhor por amor da mais alta perfeição ou tornou-se louca rematada, porque a sua vida exterior parece desesperada: caminham descalços, vestem roupas desprezíveis e alimentam-se mal». ⁴Fosse como fosse, as pessoas desconfiavam deles. Até as donzelas, ao divisá-los de longe, fugiam espavoridas para não serem contagiadas com a sua loucura. ⁵Ainda que ninguém se decidisse a segui-los, todos ficavam impressionados com a forma de vida santa com que pareciam favorecidos do Senhor.

Percorrida aquela província, ambos voltaram ao referido lugar de Santa Maria da Porciúncula.

17. ¹Decorridos poucos dias, foram ter com eles outros três homens da cidade de Assis, a saber, o irmão Sabatino, o irmão João e o irmão Morico o Pequeno, que humildemente pediram ao bem-aventurado Francisco os recebesse na sua companhia. ²Ele recebeu-os benigna e alegremente.

³Quando andavam pela cidade a pedir esmola, quase ninguém lhe queria dar. Diziam-lhes: «Renunciastes aos vossos bens e agora quereis comer os dos outros». ⁴E assim sofriam extrema penúria. Até os seus familiares e parentes os perseguiram, e os seus concidadãos, pequenos e grandes, homens e mulheres, todos os desprezavam e tinham na conta de néscios e insensatos. ⁵A única exceção era o Bispo de Assis, a quem o bem-aventurado Francisco recorria frequentemente, a fim de pedir conselho.

⁶O motivo por que os parentes e familiares e outros os escarneciam era que então não havia quem renunciasse ao que era seu para se pôr a pedir esmola de porta em porta.

⁷Certo dia em que Francisco tinha ido visitar o Bispo, este disse-lhe: «Dura e difícil me parece a vossa vida, pois nada possuíis e tendes neste mundo». ⁸Retorquiu-lhe o santo de Deus: «Senhor, se tivéssemos algumas propriedades, precisaríamos também de armas para as guardar, pois são motivo de um sem fim de questões e pleitos, que costumam estorvar o amor de Deus e do próximo. ⁸Esta é a razão por que não queremos possuir nenhum bem material neste mundo».

Tal resposta agradou ao Bispo.

CAPÍTULO IV

Como exortou os irmãos e os enviou pelo mundo

18. ¹Possuído da graça do Espírito Santo, S. Francisco pre-disse aos irmãos o que lhes ia acontecer. ²Reunindo junto de si os seis irmãos que tinha, num bosque contíguo à igreja de Santa Maria da Porciúncula, aonde iam com frequência para orar, disse-lhes: ³«Consideremos, irmãos caríssimos, a nossa vocação, porque Deus, em sua misericórdia, chamou-nos não só para benefício nosso, como também para proveito e até salvação de muitos. ⁴Vamos, pois, pelo mundo, exortando e ensinando os homens e as mulheres com a nossa palavra e exemplo, a fim de que façam penitência dos seus pecados e tragam à lembrança os mandamentos, que tanto tempo andaram esquecidos».

⁵E acrescentou: «*Não temais, pequeno rebanho*¹¹, mas tende confiança no Senhor. ⁶Não digais entre vós: “Como é que vamos pregar, se somos ignorantes e iletrados?” ⁷Recordai-vos das palavras que o Senhor dirigiu aos seus discípulos: “Não sereis vós a falar, mas o Espírito do vosso Pai é quem falará em vós”¹². ⁸O mesmo Senhor vos dará o seu Espírito e sabedoria para exortar e pregar aos homens e mulheres o caminho e a prática dos seus mandamentos. ⁹Encontrareis homens fiéis, mansos, humildes e benignos, que vos receberão e escutarão as vossas palavras com alegria e afeição. ¹⁰Encontrareis outros, infiéis, soberbos e blasfemos, que vos resistirão e hão-de censurar-vos a vós e as vossas palavras. ¹¹Ponde, pois, em vossos corações o propósito de tudo sofrer com paciência e humildade».

¹²Ao ouvirem estas últimas palavras, os irmãos sentiram-se desfalecidos. ¹³Notando o bem-aventurado Francisco o seu temor, disse-lhes: «*Não vos assusteis*»¹³! ¹⁴Sabei que dentro de pouco

¹¹ Lc 12, 32.

¹² Mt 10, 20.

¹³ Mc 16, 6.

tempo acorrerão a nós numerosos sábios, prudentes e nobres, que compartilharão a nossa vida. ¹⁵ Hão-de pregar a nações e povos, a reis e príncipes e converterão muitos ao Senhor. ¹⁶ E o Senhor fará multiplicar e desenvolver a sua família pelo mundo inteiro».

¹⁷ Ao terminar esta exortação, abençoou-os e eles partiram.

CAPÍTULO V

Perseguições que sofreram os irmãos ao ir pelo mundo

19. ¹ Quando os devotíssimos servos do Senhor em suas deambulações encontravam alguma igreja em boas condições ou abandonada, ou alguma cruz à beirada do caminho, inclinando-se piedosamente em sua direcção, oravam desta maneira: ² «Nós Te adoramos, ó Cristo, e Te bendizemos aqui e em todas as Tuas igrejas que há em todo o mundo, porque pela Tua santa cruz remiste o mundo».

³ Aqueles que os viam admiravam-se e exclamavam: «Nunca vimos religiosos assim vestidos». ⁴ Diferentes de todos os demais no hábito e na vida, pareciam-lhes homens selváticos.

⁵ Quando entravam em alguma cidade, castelo ou casa, anunciavam a paz. ⁶ E onde quer que encontrassem homens ou mulheres nas ruas ou nas praças, admoestavam-nos a temer e amar o Criador do céu e da terra, a recordar os seus mandamentos, que haviam caído no esquecimento, e a esforçar-se por os porem em prática.

⁷ Alguns dos ouvintes escutavam-nos de bom grado e com gosto; outros, pelo contrário, escarneciam deles. ⁸ Acometidos com muitas perguntas, os irmãos sentiam dificuldades em dar-lhes resposta, pois os novos assuntos provocam muitas vezes novas questões. ⁹ Alguns perguntavam-lhes: «Donde sois?» Outros inquiriam: «A que Ordem pertenceis?» ¹⁰ Eles respondiam com simplicidade: «Somos penitentes e nascemos na cidade de Assis». Até então, a Religião dos irmãos não se chamava Ordem.

20. ¹ Muitos daqueles que os viam e ouviam tinham-nos na conta de embusteiros ou néscios. ² Um deles afirmava: «Não quero

recebê-los em minha casa, pois podem roubar-me». ³Em muitos lugares tratavam-nos muito mal; e, por isso, com frequência os irmãos passavam a noite nos pórticos das igrejas ou das casas.

⁴Foi por aquele tempo que dois irmãos chegaram à cidade de Florença, cujas ruas percorreram em busca de alojamento, sem o poderem encontrar em parte alguma. ⁵Chegando a uma casa que tinha pórtico e junto dele um forno, disseram entre si: «Podemos pernoitar aqui». ⁶Pediram, pois, à dona daquela casa que fizesse o favor de os receber. Ela, sem mais, recusou. Suplicaram-lhe então que ao menos lhes permitisse passarem aquela noite junto do forno.

⁷A mulher anuiu. Chegando, porém, o seu marido e vendo os irmãos no pórtico, junto do forno, perguntou à mulher: «Porque é que deste alojamento a esses mariolas?» ⁸Ela alegou: «Eu recusei-lhes hospedagem em casa e só lhes permiti passarem a noite fora, no pórtico, porque dali não podiam roubar-nos nada; quando muito, um pouco de lenha». ⁹E, por causa desta suspeita, não quiseram dar nada aos irmãos para se cobrirem, se bem que então fizesse muito frio.

¹⁰Levantando-se durante a noite para rezar matinas, dirigiram-se à igreja mais próxima.

21. ¹Ao romper do dia, a mulher correu à igreja para assistir à Missa e viu os irmãos mergulhados em devota e humilde oração. Disse consigo mesma: ²«Se estes homens fossem malfeitores, como pensava o meu marido, não se dariam à oração com tanto fervor».

³Enquanto a mulher cogitava nisto, um homem chamado Guido percorria a igreja e distribuía esmolas aos pobres que encontrava. ⁴Aproximando-se dos irmãos quis dar uma esmola a cada um, como fizera aos demais, mas eles recusaram recebê-la. ⁵Perguntou-lhes então: «Porque é que não aceitais dinheiro como os outros pobres, sendo, pelo que vejo, tão indigentes e necessitados como eles?» ⁶Respondeu-lhes um dos irmãos, de nome Bernardo: «É verdade que somos pobres, mas a nossa pobreza não nos pesa como aos demais, porque nos fizemos pobres pela graça de Deus e para cumprir o seu conselho».

22. ¹ Admirado do que ouvia, aquele homem perguntou-lhes se antes tinham possuído alguma coisa no mundo. ² Responderam que tinham tido alguns bens, mas haviam-nos distribuído aos pobres por amor de Deus. ³ Considerando a mulher que os irmãos tinham recusado o dinheiro, aproximou-se deles e disse-lhes: «Cristãos, se quereis voltar e aceitar a minha hospitalidade, com muito gosto vos receberei em minha casa». ⁴ Com toda a humildade, os irmãos responderam-lhe: «O Senhor te pague». ⁵ O dito Guido, sabendo que os irmãos não tinham podido encontrar alojamento, tomou-os consigo e levou-os para sua casa, dizendo-lhes: «Eis o aposento que o Senhor vos preparou. Ficai nele quanto tempo quiserdes».

⁶ Deram graças a Deus, que se mostrou compassivo com eles e ouviu o clamor dos pobres. ⁷ Permaneceram alguns dias naquela casa. Por causa das palavras que ouviu e dos bons exemplos que presenciou, o senhor Guido distribuiu muitos bens aos pobres.

23. ¹ Se bem que este os tratasse com amabilidade, a verdade é que os demais homens os tinham na conta de tão desprezíveis, que muitos, pequenos e grandes, os tratavam e lhes falavam como senhores a seus servos. ² E, não obstante as suas roupas serem desprezíveis e pobres, muitos compraziam-se em lhas tirar. ³ Ao ficarem assim nus, porque tinham uma só túnica, observavam sempre o conselho evangélico, não cuidando de as reclamar a quem lhas tirava¹⁴. ⁴ Mas quando, movidos de compaixão, lhas queria restituir, aceitavam-nas de boa vontade.

⁵ A alguns irmãos atiravam-lhes lodo à cara e a um até lhe puseram dados nas mãos, convidando-o a jogar. ⁶ Houve um irmão que foi agarrado pelo capuz e arrastado às costas do portador quanto a este aprouve.

⁷ Estas são algumas das muitas injúrias que lhes faziam, as quais não referimos na sua totalidade para não alongar a narração.

⁸ Consideravam-nos tão desprezíveis, que os tratavam com a mesma arrogância e atrevimento como se fossem malfetores.

⁹ Deixamos de mencionar as muitas tribulações e desgostos que

¹⁴ Lc 6, 29-30.

sofriam em consequência da fome e da sede, do frio e da escassez de roupa¹⁵.

¹⁰ Tudo isto suportavam com constância e paciência, conforme lhes fora recomendado pelo bem-aventurado Francisco. ¹¹ Não se entristeciam nem perturbavam, mas alegravam-se nos sofrimentos como homens que fizessem um grande negócio, e fervorosamente rogavam a Deus pelos seus perseguidores.

24. ¹ Ao verem que os irmãos se alegravam nas tribulações e as suportavam com paciência por amor do Senhor, que perseveravam em devotíssima oração, que, ao contrário dos demais pobres necessitados, não recebiam nem traziam dinheiro e que mutuamente se queriam com entranhável amor, no que eram reconhecidos como discípulos do Senhor, muitos, com o auxílio da divina graça, sentiam o coração compungido. Vinham ter com eles e pediam-lhes perdão das ofensas que lhes tinham feito. ² Os irmãos, que lhes perdoavam do íntimo do coração, respondiam-lhes cheios de alegria: «O Senhor vos perdoe». ³ E logo os escutavam de bom grado.

⁴ Alguns pediam-lhes que se dignassem recebê-los na sua companhia, e dentre eles aceitaram a vários, pois naquele tempo, em razão do escasso número de irmãos, Francisco lhes dera autorização para admitirem quem muito bem entendessem. ⁵ No prazo estabelecido, regressaram a Santa Maria da Porciúncula.

CAPÍTULO VI

A vida dos irmãos e o seu amor mútuo

25. ¹ Quando os irmãos tornavam a ver-se, era tão grande a sua alegria e gozo espiritual que nem sequer se recordavam já das adversidades e pobreza extrema que padeciam.

² Todos os dias eram solícitos na oração e no trabalho manual, com o sentido de afugentarem radicalmente toda a ociosidade, inimiga da alma. Igualmente, eram solícitos em se levantar à meia noite, segundo a palavra do Profeta: ³ «Levantei-me à meia noite

¹⁵ Cf. 2Cor 11, 27.

para Te louvar»¹⁶. E rezavam com muita devoção e frequentemente com lágrimas.

⁴Amavam-se com amor profundo, serviam-se reciprocamente e cuidavam uns dos outros, como uma mãe serve a seu filho e cuida dele. ⁵Tão fortemente ardia neles o fogo da caridade, que lhes parecia coisa fácil, e até desprezível, entregar os seus corpos não só por amor de nosso Senhor Jesus Cristo, como também de uns para com os outros.

26. ¹Certo dia, por exemplo, transitando dois irmãos por uma rua, encontraram-se com um louco, que começou a atirar-lhes pedras. ²Um deles, ao ver que as pedras atingiam o seu irmão, acudiu para o proteger do arremesso das mesmas; a sua ardente caridade levava-o a preferir receber os golpes do que deixá-los para o seu irmão. ³Estas coisas e outras semelhantes faziam-nas eles frequentemente.

⁴Arraigados e cimentados no amor e na humildade,¹⁷ cada um reverenciava o outro como se fosse o seu senhor. ⁵Se algum se distinguia entre eles pelo seu ofício ou qualidades, esse parecia mais humilde e desprezível que os outros.

⁶Além disso, todos praticavam a obediência em sumo grau: mal se abria a boca de quem mandava, logo preparavam os pés para caminhar e as mãos para trabalhar. ⁷Quanto lhes era ordenado, consideravam-no como significando a vontade do Senhor. Por isso, era-lhes fácil e agradável cumprir qualquer ordem.

⁸Abstinham-se dos desejos carnis e julgavam-se severamente a si mesmos, para não serem julgados.

27. ¹Pois, se por acaso um irmão dissesse a outro uma palavra que pudesse desagradar-lhe, tanto lhe mordida a consciência, que não conseguia tranquilizar-se, enquanto não confessasse a sua culpa e enquanto o ofendido, naturalmente contrafeito, não pusesse o pé sobre a boca do ofensor, prostrado por terra.

¹⁶ Sl 119, 62.

¹⁷ Ef 3, 17.

²E, no caso de o ofendido se não prestar a esta atitude, era obrigado a proceder assim se o ofensor era o seu prelado; e, se o não era, levava o prelado a dar tal ordem, para assim evitarem entre eles a malícia e para manterem sempre um amor pleno. ³Deste modo, esforçavam-se por contrapor a cada vício a respectiva virtude.

⁴Tudo quanto possuíam, livro ou túnica, usavam-no em comum, e ninguém reivindicava nada como seu, à semelhança do que se praticava na primitiva Igreja Apostólica.

Não obstante viverem em extrema pobreza, eram sempre generosos e compartilhavam de bom grado as esmolas dadas com quem lhas pedia por amor de Deus.

28. ¹Quando transitavam pelos caminhos e encontravam mendigos que lhes pediam esmola, alguns deles, não tendo outra coisa a oferecer, davam-lhes uma peça dos seus vestidos. ²Um irmão separou o capelo da túnica para entregá-lo ao pobre que pedia esmola¹⁸. Outro descoseu uma manga e deu-a. Outros ainda davam qualquer parte da túnica para cumprir a palavra do Evangelho, que diz: «Dá a todo aquele que te pede»¹⁹.

³Um dia, apresentou-se um pobre na igreja de Santa Maria da Porciúncula, onde habitavam os irmãos, e pediu-lhes esmola. ⁴Havia ali um manto, que pertencera a um deles, quando ainda vivia no mundo. ⁵O bem-aventurado Francisco disse ao irmão a quem o manto pertencera que o desse àquele pobre. ⁶E ele assim fez de boa vontade e imediatamente. Pelo prazer e devoção com que fez a dádiva, pareceu-lhe que a esmola subia ao céu, e repentinamente sentiu-se possuído de um novo espírito.

29. ¹Quando iam ter com eles os ricos deste mundo, os irmãos acolhiam-nos com alegria e afabilidade, e insistiam com eles para se afastarem do mal e fazerem penitência.

¹⁸ Como, por exemplo, o irmão Gil que, por este motivo, andou vinte dias sem capelo.

¹⁹ Lc 6, 30.

²Naquele tempo, os irmãos pediam para não serem enviados às terras donde eram oriundos, para assim evitarem a conversação e o trato dos seus familiares, e cumprirem a palavra do Profeta: «Tornei-me um estranho para meus irmãos e um desconhecido para os filhos de minha mãe»²⁰.

³Alegravam-se sobremaneira na pobreza, pois não cobiçavam outras riquezas senão as eternas. Nunca tinham ouro nem prata e, não obstante desprezarem todas as riquezas deste mundo, ao dinheiro, mais que tudo, calcavam-no aos pés.

30. ¹Um dia, habitando os irmãos em Santa Maria da Porciúncula, apareceram uns visitantes, que entraram na igreja e, sem os irmãos saberem, deixaram algumas moedas sobre o altar. ²Quando um irmão entrou na igreja e viu as moedas, pegou nelas e pô-las numa janela da referida igreja. ³Ali as encontrou outro irmão, que foi dizê-lo a S. Francisco.

⁴Ao saber do caso, o bem-aventurado Francisco mandou indagar qual o irmão que ali tinha colocado aquelas moedas. ⁵Uma vez encontrado, mandou-o vir à sua presença e perguntou-lhe: «Porque fizeste isto? ⁶Não sabias ser minha vontade que os irmãos se abstenham não só de usar o dinheiro, como também de o tocar?» ⁷Ouvindo esta repreensão, o irmão inclinou-se e, pondo-se de joelhos, confessou a sua culpa e pediu que lhe impusesse uma penitência. ⁸Então o santo ordenou-lhe que tirasse aquelas moedas da igreja com a boca e as levasse até onde encontrasse esterco de burro e as pusesse em cima dele com a própria boca. O irmão tudo cumpriu diligentemente. ⁹O santo aproveitou este acontecimento para exortar os irmãos a que desprezassem o dinheiro e o tivessem na conta de nada, onde quer que o encontrassem.

¹⁰Assim viviam em contínua alegria, porque não tinham nenhum motivo de perturbação. ¹¹Com efeito, quanto mais estavam separados do mundo, tanto mais unidos estavam a Deus. ¹²Estes meteram-se pelos caminhos estreitos²¹ e sofreram as suas aspere-

²⁰ Sl 68, 9.

²¹ Mt 7, 14.

zas. ¹³Quebraram pedregulhos, pisaram espinhos, e assim nos deixaram um caminho plano a nós que seguimos as suas pisadas.

CAPÍTULO VII

Como os irmãos foram a Roma e o Senhor Papa lhes concedeu uma Regra e autorização de pregar

31. ¹Vendo, o bem-aventurado Francisco que, pela graça do Salvador, os irmãos iam crescendo em número e méritos, disse-lhes: «Vejo, irmãos, que o Senhor quer fazer de nós uma grande congregação. ²Vamos, pois, à nossa Madre Igreja Romana e informemos o Sumo Pontífice de quanto Deus opera por nosso intermédio, para prosseguirmos a obra começada com a sua aprovação e mandato». ³Tendo a proposta agradado, tomou consigo doze irmãos e partiu com eles para Roma.

⁴Durante a viagem disse-lhes: «Nomeemos um de nós nosso guia e seja para nós como que o vigário de Jesus Cristo. ⁵Seguiremos o caminho que ele nos indicar e pararemos para repousar, quando ele assim o entender». ⁶Escolheram o irmão Bernardo, que tinha sido o primeiro a ser recebido pelo bem-aventurado Francisco, e ativeram-se ao que fora combinado.

⁷Caminhavam alegres e a sua conversação tinha por tema as palavras do Senhor. Nenhum deles ousava dizer nada que não fosse em louvor e glória de Deus ou em proveito de suas almas. Também se entregavam à oração. ⁸O Senhor, no devido tempo preparava-lhes a hospedagem e o alimento necessário.

32. ¹Tendo chegado a Roma, visitaram o Bispo de Assis, que nessa ocasião se encontrava na Cidade Eterna. ²Ao vê-los, acolheu-os com uma alegria imensa. ³O Bispo era conhecido de certo cardeal, chamado João de S. Paulo, varão probo e religioso, que muito amava os servos do Senhor. ⁴O Bispo pô-lo ao corrente do projecto e forma de vida do bem-aventurado Francisco e de seus irmãos. ⁵Depois de ouvir a informação, o cardeal manifestou intenso desejo de conhecer pessoalmente o bem-aventurado Francisco e alguns dos seus irmãos. ⁶Informado de que estavam em

Roma, mandou chamá-los à sua presença e recebeu-os com devoção e amor.

33. ¹ Passaram alguns dias na companhia do cardeal que, comprovando que nas obras dos irmãos resplandecia o que da sua vida tinha ouvido dizer, chegou a professar-lhes profunda afeição. ² E disse ao bem-aventurado Francisco: «Encomendo-me às vossas orações e quero que doravante me considereis como um dos vossos irmãos. ³ Agora dizei-me: o que vos trouxe a Roma?» Então o bem-aventurado Francisco revelou-lhe plenamente o seu propósito e disse-lhe que queria falar com o Senhor Apostólico²² para prosseguir, com a sua aprovação e mandato, o que tinha empreendido. ⁴ O cardeal respondeu-lhe: «Quero ser o vosso procurador na Cúria do Senhor Papa».

⁵ Acorreu, pois, à Cúria e fez a seguinte exposição ao Senhor Papa Inocêncio III: «Encontrei um homem de grande perfeição, que quer viver segundo a forma do santo Evangelho e praticar a perfeição evangélica. ⁶ Estou convencido de que o Senhor quer, por seu intermédio, renovar totalmente a sua Igreja no mundo inteiro». Tendo-o ouvido, o Santo Padre ficou maravilhado e disse-lhe: «Trazei-mo cá».

34. ¹ No dia seguinte, o cardeal levou Francisco à presença do Papa. ² O bem-aventurado Francisco expôs claramente todo o seu propósito ao Senhor Papa, tal como o tinha feito antes ao cardeal.

³ O Senhor Papa observou-lhe: «Demasiado dura e austera é a vossa vida se, querendo formar uma congregação, vos propondes nada possuir neste mundo. ⁴ Onde vos virá o necessário para viver?» ⁵ Respondeu-lhe o bem-aventurado Francisco: «Senhor, confio em meu Senhor Jesus Cristo, pois quem se comprometeu a dar-nos vida e glória no céu não nos faltará, no tempo devido, com aquilo de que carecem os nossos corpos na terra». ⁶ Respondeu o Papa: «É bem verdade o que dizes, filho; mas a natureza humana é frágil e nunca persevera no mesmo sentir. ⁷ Vai e pede com todo o coração ao Senhor que se digne manifestar-te objectivos mais

²² Bela expressão usada por S. Francisco para designar o Romano Pontífice.

sensatos e proveitosos para as vossas almas. Quando voltares, comunica-mos e então aprová-los-ei».

35. ¹O bem-aventurado Francisco retirou-se para rezar e, com pureza de coração, pediu ao Senhor que, por sua inefável bondade, se dignasse manifestar-lhos. ²Depois de prolongada oração e com todo o seu coração concentrado no Senhor, ouviu interiormente a sua voz, que lhe falou em forma de parábola: ³«No reino de certo rei poderoso havia uma mulher em extremo pobre, mas formosa. O rei enamorou-se da mulher e teve dela muitos filhos. ⁴Um dia, esta mulher pôs-se a pensar e a dizer consigo mesma: «Que vou eu fazer, pobrezinha como sou, com tantos filhos e sem posses para os manter?» ⁵Quando revolia tais pensamentos em sua mente e o seu semblante se tornava melancólico com tantas preocupações, chegou o rei, que lhe disse: «Que tens, pois te vejo tão pensativa e aflita?» Ela contou-lhe todas as suas preocupações. ⁶O rei serenou-a com estas palavras: «Não te assustes com a tua excessiva pobreza, nem temas pelos filhos que tens nem pelos muitos que virás a ter. ⁷Pois, se a minha numerosa criadagem tem pão de sobra no meu palácio, não posso permitir que os meus filhos morram de fome. Antes que aos outros, que lhes sobre a eles».

⁸Compreendeu logo o homem de Deus, Francisco, que aquela pobríssima mulher o representava a ele. Daqui saiu fortalecido o seu propósito de observar sempre a santíssima pobreza.

36. ¹Levantou-se e foi imediatamente ter com o Senhor Apostólico, para lhe comunicar quanto Deus lhe tinha revelado. ²Ao ouvi-lo, o Senhor Papa ficou muito admirado de que o Senhor manifestasse a sua vontade a um homem tão simples. ³E reconheceu que esse homem não se movia guiado pela sabedoria humana, *mas pela inspiração e poder do Espírito*²³.

⁴Em seguida, o bem-aventurado Francisco inclinou-se e prometeu ao Senhor Papa obediência e reverência com tão grande humildade como devoção. ⁵E, como os outros irmãos ainda não tinham prometido obediência, logo ali professaram obediência e

²³ 1Cor 2, 4.

reverência ao bem-aventurado Francisco, em conformidade com a ordem do Senhor Papa.

⁶O Senhor Papa concedeu-lhe a Regra, a ele e aos irmãos presentes e futuros. ⁷E deu-lhe autorização de pregar em toda a parte, conforme lhe fosse concedida a graça do Espírito Santo. Também os outros irmãos poderiam pregar, desde que o bem-aventurado Francisco lhes confiasse o ofício da pregação.

⁸Desde então, o bem-aventurado Francisco começou a pregar ao povo pelas cidades e castelos, segundo lhe inspirava o Espírito Santo. O Senhor pôs em seus lábios palavras tão dignas, suaves e dulcíssimas que dificilmente alguém se cansaria de as ouvir.

⁹O mencionado cardeal, levado pela dedicação que tinha ao Irmão²⁴, mandou conferir a tonsura a todos os doze irmãos.

¹⁰Mais tarde, o bem-aventurado Francisco mandou que se celebrasse Capítulo duas vezes ao ano: no Pentecostes e na Festa de S. Miguel, no mês de Setembro.

CAPÍTULO VIII

Como Francisco ordenou que se celebrasse Capítulo e do que nele se tratava

37. ¹No Pentecostes todos os irmãos se reuniam em Capítulo em torno da igreja de Santa Maria da Porciúncula. Neste Capítulo, tratava-se da melhor maneira de observar a Regra. ²Além disso, determinavam-se para cada região os irmãos que podiam pregar ao povo e designavam-se aqueles que distribuíam os irmãos pelas províncias ou regiões.

³Pertencia a S. Francisco exortar, repreender e mandar segundo lhe parecia conveniente, depois de consultar o Senhor.

⁴Quanto lhes ensinava com palavras punha todo o cuidado e carinho em experimentá-lo primeiro com a prática. Reverenciava os prelados e os sacerdotes da santa Igreja. ⁵Respeitava também os senhores, honrava os nobres e os ricos. ⁶Amava os pobres entra-

²⁴ S. Francisco, o «Irmão», por antonomásia.

nhadamente e compadecia-se deles. ⁷Numa palavra, mostrava-se súbdito de todos.

⁸Se bem que fosse o mais eminente de todos os irmãos nomeava no entanto, como guardião e senhor seu a um dos irmãos que com ele conviviam, e obedecia-lhe humilde e pontualmente, para afugentar de si todo e qualquer motivo de soberba. ⁹Este santo humilhava-se entre os homens até à terra; por isso, o Senhor o exaltou no céu entre os seus santos e eleitos.

¹⁰Exortava os irmãos a guardarem fielmente o santo Evangelho e a Regra que tinham professado. Dum modo especial, recomendava-lhes que venerassem os ministérios e as ordenações eclesiásticas; ¹¹que, atenta e devotamente ouvissem Missa e contemplassem o Corpo de nosso Senhor Jesus Cristo; ¹²que reverenciassem os sacerdotes, que administram este venerável e augusto Sacramento, e, onde quer que os encontrassem, lhes fizessem inclinação de cabeça e lhes beijassem a mão. ¹³E, se os encontrassem montados em cavalos, haveriam de fazer-lhes reverência e beijar-lhes não só a mão deles, como também as patas das cavalgaduras, pela reverência que deviam ter aos poderes de que estavam revestidos.

38. ¹Também os exortava a que não julgassem nem desprezassem ninguém, nem mesmo aqueles que tomavam bebidas finas e manjares requintados ou se vestiam com luxo, tal como estava escrito na Regra. ²«Pois Nosso Senhor é também Senhor deles, e quem nos chamou a nós também pode chamá-los a eles, e quem se dignou justificar-nos pode fazer-lhes o mesmo a eles».

³E acrescentava: «Quero honrá-los como irmãos e senhores meus. ⁴São meus irmãos, porque todos saímos das mãos do mesmo Criador; são meus senhores, porque, acudindo às nossas necessidades materiais, nos permitem fazer penitência». Também lhes fazia a recomendação seguinte: ⁵«Tal deve ser a vossa vida entre os homens, que todo aquele que vos vir ou ouvir glorifique e louve o nosso Pai que está nos céus».

⁶Na realidade, o seu maior desejo era que tanto ele como seus irmãos sempre praticassem obras com que o Senhor fosse louvado. E dizia-lhes: ⁷«A paz que proclamais com a boca deveis tê-la transbordante em vossos corações, de tal sorte que para ninguém

sejais motivo de ira ou de escândalo; antes, pela vossa paz e mansidão, leveis todos à paz e à bondade. ⁸Porque fomos chamados para isto: para curar os feridos, reanimar os alquebrados e atrair os errantes. ⁹Muitos há que nos parecem membros do diabo e que um dia serão discípulos de Cristo».

39. ¹Censurava-lhes as excessivas penitências corporais, porque naquele tempo os irmãos consumiam-se com demasiados jejuns, vigílias e macerações, com a finalidade de reprimirem em si mesmos os apetites dos sentidos. ²Infligiam-se tormentos tão cruéis que pareciam odiar-se a si mesmos. ³Perante isto, o bem-aventurado Francisco repreendia-os, como fica dito, e mandava-lhes que não fizessem tais coisas. ⁴Tão cheio estava da graça e sabedoria do Salvador, que admoestava com devoção, corrigia com cordura e mandava com afabilidade.

⁵Nenhum dos irmãos que se reuniam em Capítulo se atrevia a entabular conversações profanas. ⁶Pelo contrário, todos conversavam sobre a vida dos santos Padres, ou virtudes deste ou daquele irmão ou sobre o melhor modo de se reconciliarem com Nosso Senhor.

⁷Se alguns daqueles que se reuniam em Capítulo tinham tentações da carne ou do mundo, ou alguma outra tribulação, ao ouvirem o bem-aventurado Francisco falar com tão grande fervor e suavidade, e ao verem-no em pessoa, sentiam-se libertados das suas angústias. ⁸É que o santo sabia falar-lhes compassivamente, não como juiz, mas como pai a seus filhos e como médico a seus doentes. Assim se cumpria nele a palavra do Apóstolo: ⁹«Quem é fraco sem que eu também o seja? Quem tropeça, que eu não me consuma com febre?²⁵»

²⁵ 2 Cor 11, 29.

CAPÍTULO IX

**Quando os irmãos foram enviados
por todas as regiões do mundo**

40. ¹ Terminado o Capítulo, abençoava todos os irmãos presentes e indicava a cada um a região para onde queria que fossem.

² A quem possuía o Espírito de Deus e o dom da palavra, quer fossem clérigos ou leigos, dava-lhes a licença e a missão de pregar.

³ Os irmãos recebiam a sua bênção com grande alegria e gozo no Senhor Jesus Cristo. ⁴ Iam pelo mundo como estrangeiros e peregrinos, não levando nada para o caminho, a não ser os livros para poderem rezar as Horas.

⁵ Onde quer que encontrassem um sacerdote, fosse pobre ou rico, inclinavam-se e reverentemente o saudavam, como lhes havia sido ensinado pelo bem-aventurado Francisco.

⁶ E, quando chegava a hora de descansar, preferiam hospedar-se em casa deles do que na dos seculares.

41. ¹ Quando não conseguiam alojamento em casa dum sacerdote, perguntavam se havia no lugar algum homem piedoso e temente a Deus, em cuja casa pudessem honestamente hospedar-se.

² Pouco tempo depois, o Senhor inspirou um homem temente a Deus a preparar alojamento aos irmãos nas cidades e castelos a que deviam ir. A situação manteve-se assim até ao dia em que os mesmos irmãos construíram os seus próprios alojamentos nas cidades e castelos.

³ O Senhor deu-lhes uma linguagem e um espírito apropriados a cada momento, para poderem proferir palavras oportunas que penetrassem os corações dos ouvintes, mais dos jovens que dos anciãos.

⁴ Deixando eles o pai e a mãe e tudo quanto tinham, seguiam os irmãos e tomavam o hábito da santa Religião. ⁵ Então cumpriu-se, dum modo particular nesta Religião, a palavra evangélica do Senhor: ⁶ «Não vim trazer a paz à terra mas a espada, porque vim

inimizar o filho com seu pai e a filha com sua mãe»²⁶. ⁷Os que eram admitidos, os irmãos levavam-nos ao bem-aventurado Francisco para que lhes desse o hábito.

⁸Igualmente, muitas mulheres, donzelas e viúvas, ouvindo a pregação dos irmãos, vinham ter com eles de coração compungido e perguntavam-lhes: ⁹«E nós que devemos fazer, já que não podemos acompanhar-vos? Dizei-nos como poderemos alcançar a salvação das nossas almas». ¹⁰Para dar-lhes satisfação, nas cidades onde lhes foi possível, fundaram mosteiros reclusos para neles se fazer penitência. E foi escolhido um dos irmãos para os visitar e corrigir.

¹¹Também os homens casados lhes diziam: «Temos esposas, que não podem ser abandonadas. Ensinaí-nos, pois, um caminho que possa levar-nos à salvação». ¹²E os irmãos fundaram com eles uma Ordem, que se chama Ordem dos penitentes, e fizeram que o Sumo Pontífice a confirmasse.

CAPÍTULO X

Quando os cardeais se afeiçoaram aos irmãos e começaram a aconselhá-los e a prestar-lhes auxílio

42. ¹O venerável pai, senhor cardeal João de S. Paulo, que frequentemente aconselhava o bem-aventurado Francisco e o protegia, encarecia perante os demais cardeais o mérito e as obras do homem de Deus e de todos os seus irmãos. ²Cada qual desejava ter alguns em seu palácio, não pelos serviços que estes pudessem prestar-lhes, mas pela singular devoção e muito amor que lhes dedicavam.

³Certo dia, em que o bem-aventurado Francisco foi à Cúria, cada um dos cardeais pediu lhe desse irmãos, e o santo acedeu benevolmente ao seu desejo.

⁴Finalmente morreu e descansou em paz o dito Senhor João de S. Paulo, que tanto amou aqueles santos pobres.

²⁶ Mt 10, 34-35.

43. ¹Depois da morte do referido cardeal, o Senhor inspirou outro cardeal, chamado Hugolino, Bispo de Óstia, que teve entra-nhável amor ao bem-aventurado Francisco e a seus irmãos, não só como amigo, mas antes como pai. ²Levado pela sua nomeada, o bem-aventurado Francisco foi visitá-lo. ³O Cardeal recebeu-o com alegria e disse-lhe: «Estou à vossa disposição para qualquer conselho, ajuda e protecção que seja do vosso agrado. Em troca, peço-vos que me encomendeis nas vossas orações».

⁴O bem-aventurado Francisco deu graças ao Altíssimo por ter inspirado o coração do cardeal a oferecer-lhe conselho, ajuda e protecção, e respondeu-lhe: ⁵«De bom grado desejo ter-vos como meu pai e de todos os meus irmãos; e quero que todos eles estejam obrigados a rogar por vós ao Senhor». ⁶Logo lhe pediu que se dignasse assistir ao Capítulo dos irmãos no Pentecostes. ⁷O Cardeal anuiu e desde então assistia todos os anos.

⁸Quando o Cardeal chegava ao Capítulo, todos os irmãos capitulares saíam processionalmente ao seu encontro. ⁹Ao encontrar-se com eles, o cardeal apeava-se da montada e, por causa da dedicação que lhes tinha, percorria a pé, com os irmãos, o caminho até à igreja. ¹⁰Logo lhes fazia uma prática e celebrava Missa, na qual o bem-aventurado Francisco proclamava o Evangelho.

CAPÍTULO XI

Como a Igreja protegeu os irmãos dos ataques de quem os perseguia

44. ¹Completo onze anos depois do início da Religião e multiplicado o número dos irmãos, elegeram-se Ministros, que foram enviados com alguns irmãos para quase todas as regiões do mundo em que estava implantada a fé católica.

²Em algumas regiões receberam-nos, mas proibiram-nos terminantemente de construir habitações. ³Doutras, foram expulsos, pelo receio de não serem verdadeiros cristãos, pois os irmãos ainda não tinham a Regra confirmada pelo Papa, mas apenas concedida. Por esta razão, os irmãos sofreram muitos vexames tanto da parte dos clérigos como dos leigos, e alguns foram despojados pelos ladrões. ⁴Voltaram ao bem-aventurado Francisco, muito angustia-

dos e desanimados. ⁵ Sofreram estes vexames na Hungria, na Alemanha e em outros países ultramontanos.

⁶ De tudo isto os irmãos informaram o dito senhor Cardeal de Óstia. ⁷ Este mandou chamar o bem-aventurado Francisco e levou-o à presença do Senhor Papa Honório, pois já tinha falecido o Senhor Papa Inocêncio. Mandou escrever outra Regra e pediu ao Papa que a confirmasse e corroborasse com a autoridade do selo pontifício.

⁸ Nesta Regra, determinou que se espaçassem as reuniões capitulares, para evitar maiores trabalhos aos irmãos que viviam em regiões longínquas.

45. ¹ O bem-aventurado Francisco pediu ao Senhor Papa um dos cardeais para ser governador, protector e corrector da Religião, conforme está escrito na mesma Regra. ² E o Papa concedeu-lhe o senhor Cardeal de Óstia.

³ Então, por mandato do Senhor Papa, o cardeal Ostiense estendeu a mão para proteger os irmãos e enviou cartas a muitos prelados em cujas dioceses os irmãos tinham sido perseguidos, pedindo-lhes que não se opusessem aos irmãos, mas antes, como a homens bons e religiosos aprovados pela Igreja, lhes prestassem o auxílio para poderem pregar e habitar nas suas regiões. ⁴ Do mesmo modo, muitos outros cardeais enviaram cartas com a mesma finalidade.

⁵ Assim, noutro Capítulo²⁷, depois de Francisco ter dado aos Ministros autorização de receberem candidatos na Ordem, foram enviados irmãos às referidas regiões, levando consigo a Regra confirmada e as cartas do cardeal de que falámos. ⁶ Os prelados, ao verem a Regra confirmada pelo Pontífice e o testemunho do senhor cardeal Ostiense e dos outros cardeais a favor dos irmãos, deram-lhes autorização para construir, residir e pregar nas suas circunscrições.

⁷ Depois de os irmãos se terem estabelecido aí e começado a pregar, muitos, que foram testemunhas da sua vida humilde, da

²⁷ Capítulo do Pentecostes de 1224.

honestidade da sua conduta e das suas palavras dulcíssimas, foram ter com eles e tomaram o hábito da santa Religião.

⁸O bem-aventurado Francisco, comprovando a lealdade e a afeição do senhor Ostiense para os irmãos, votava-lhe um profundo amor e, quando lhe escrevia, começava assim as suas cartas: «Ao venerável Pai em Cristo, Bispo do mundo inteiro».

⁹De facto, decorrido pouco tempo, o senhor cardeal de Óstia, em conformidade com a palavra profética do bem-aventurado Francisco, foi eleito para a Sé Apostólica, tomando o nome de Gregório IX.

CAPÍTULO XII

Trânsito do bem-aventurado Francisco, seus milagres e canonização

46. ¹Cumpridos vinte anos desde que o bem-aventurado Francisco abraçou a perfeição evangélica, Deus misericordioso quis que ele descansasse dos seus trabalhos, ²pois muito havia sofrido em vigílias, orações, jejuns, súplicas, pregações, viagens, em soliditude e compaixão pelo próximo. Entregara todo o seu coração a Deus criador e amara-o com toda a sua alma e com todas as suas entranhas. ³Trazia Deus no coração, louvava-o com a boca, glorificava-o em sua obra. E, quando alguém pronunciava o nome de Deus, costumava dizer: «Ao ouvirem este nome, o céu e a terra deviam inclinar-se».

⁴Querendo o Senhor manifestar o amor que lhe tinha, imprimiu em seus membros e lado os estigmas do seu muito amado Filho. ⁵E, como o servo de Deus, Francisco, desejava chegar à «casa de Deus e ao lugar onde habita a sua glória»²⁸, o Senhor chamou-o para junto de Si, e assim o bem-aventurado Francisco voou para o Senhor.

⁶Depois da sua morte, surgiram entre o povo muitos sinais e milagres. Por causa destes, abrandaram-se os corações de muitos que se mostraram renitentes em acreditar em tudo quanto o Senhor

²⁸ SI 26, 8.

se tinha dignado manifestar em seu servo. ⁷Então diziam: «Como fomos néscios! A sua vida parecia-nos loucura e a sua morte digna de desprezo! E agora sucede que é contado entre os filhos de Deus e participa da herança dos santos»²⁹.

47.³⁰ ¹O venerável senhor e pai, o Papa Gregório, venerou como santo, depois de morto, aquele que havia amado em vida. ²Com uma comitiva de cardeais acorreu ao túmulo onde o corpo do santo fora sepultado e inscreveu-o no catálogo dos santos³¹. ³Em consequência disto, muitos homens ilustres e nobres abandonaram tudo com suas esposas, filhos e filhas e demais família. ⁴As mulheres e filhas enclausuraram-se em mosteiros. ⁵Os maridos e filhos tomaram o hábito dos irmãos menores.

⁶Assim se cumpriu a profecia feita pelo bem-aventurado Francisco a seus irmãos: «Dentro de pouco tempo acorrerão a nós numerosos varões sábios, prudentes e nobres, e compartilharão a nossa vida».

EPÍLOGO

Agora, irmãos caríssimos, rogo-vos que mediteis atentamente, compreendais devidamente e vos esforceis por praticar quanto escrevemos acerca dos nossos pais e irmãos muito queridos, para que mereçamos participar com eles da glória celeste. A ela nos conduza Nosso Senhor Jesus Cristo.

²⁹ Sb 5, 4-5.

³⁰ O número 47 não aparece na edição anterior. Seguindo as *Fontes*, dividimos o número 46 em dois.

³¹ A canonização solene efectuou-se no dia 16 de Julho de 1228, tendo o papa Gregório IX publicado a bula «Mira circa nos».